

CONCEPÇÕES DE ALUNOS SOBRE OS ÍNDIOS MODERNOS BRASILEIROS E SUAS RELAÇÕES AMBIENTAIS

STUDENTS' CONCEPTIONS ABOUT MODERN BRAZILIAN INDIANS AND ENVIRONMENTAL RELATIONS

Cleise Helen Botelho Koeppe¹

Régis Alexandre Lahm², Regina Maria Rabello Borges³

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PPG em Educação em Ciências e Matemática - mestranda,
cleise.koeppe@acad.pucrs.br

2. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PPG em Educação em Ciências e Matemática – Professor Doutor,
lahm@pucrs.br

3. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PPG em Educação em Ciências e Matemática – Professora Doutora,
rborges@pucrs.br

Resumo

O presente trabalho tem por objetivos analisar as concepções de alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, de uma Escola de Gravataí-RS, sobre as relações ambientais constituídas pelos povos indígenas brasileiros modernos e como a interdisciplinaridade pode contribuir para a desmistificação de preconceitos consolidados pelos hábitos escolares. Foram analisadas produções textuais e desenhos que representassem o desenvolvimento da pesquisa efetuada e as conclusões a que os grupos de trabalho chegaram. Ao final do processo foi possível concluir que a imagem do índio selvagem foi substituída por novas visões discriminatórias ou pela convicção de que a aculturação e a miscigenação não produzem efeitos positivos para as etnias indígenas atuais.

Palavras-chave: Pluralidade cultural, população indígena, relações ambientais, interdisciplinaridade.

Abstract

This study aims to analyze the conceptions of students in the seventh year of elementary school, located in Gravataí-RS, based on environmental relationship established by Brazilian indigenous people and modern as interdisciplinarity can contribute to the demystification of prejudice bound by the school's routine and habits. Textual productions were analyzed as well as drawings that

represent the development of the research done and the conclusion reached by the working groups. When the process was concluded, the image of the wild Indian has been replaced by new or discriminatory views by a conviction that acculturation and miscegenation do not produce positive effects on the indigenous groups of today.

Key words: Multiculturalism, indigenous, environmental relations, interdisciplinarity.

Introdução

No Brasil, existem atualmente, aproximadamente 215 etnias indígenas (FUNAI) com valores culturais e vivendo em biomas diversos, e a despeito disso, continuam sendo identificados como um grupo único, homogêneo, cultural e politicamente denominado “índios”.

O mito do “Bom Selvagem”, inspirado no estado da consciência selvagem de Rousseau, atribui aos índios um estado de consciência selvagem que os torna incapazes de distinguir entre o bem e o mal, devido ao distanciamento com o regramento civilizado europeu. Considera que essa inocência quase infantil provoca ações regidas pelos instintos naturais (NOVAES, 1999).

Autores românticos e modernistas apropriaram-se dessa imagem, que não contemplava a diversidade étnica indígena propagando-se em romances, contos, poesias e obras de arte pictórica; surge então, o índio brasileiro, conhecedor dos mistérios naturais, capaz de extrair venenos e medicamentos da natureza e com eles, auxiliar os colonizadores em suas aventuras mata adentro.

Esse olhar, oriundo de um embate cultural significativo, era carregado de preconceitos e cuidadosamente elaborado para consolidar as relações de poder vigentes na época. Permanece estabelecendo preconceitos discriminatórios perpetuados em livros didáticos, trabalhos artísticos, na mídia e no inconsciente coletivo da população, levando os alunos a construir uma visão equivocada dessas etnias e suas relações com o ambiente (OLIVEIRA, 2003).

Existe uma concepção generalizada de que, num país como o Brasil, fruto da miscigenação, os grupos indígenas são exemplos de representação de conceitos como manejo e sustentabilidade ambientais, por sua intrínseca relação com os biomas brasileiros.

Nem complacente, nem vitimizada, nem marginal, a população indígena brasileira precisa ser reconhecida e respeitada por seu conhecimento cultural e natural, possibilitando momentos de integração e valorização das diversas formas de lidar com o ecossistema sem imposição de culturas e conhecimentos, convivendo com as diferenças de maneira construtiva.

Aulas de Ciências e construção da visão crítica sobre as relações ambientais

Ao longo dos anos escolares, nossos educandos são levados a acreditar que todos os índios relacionam-se harmoniosamente com o ambiente.

Tal julgamento é cultivado desde a Educação Infantil, quando enfeitamos nossas crianças com cocares de papel e pintamos seus rostos com tinta colorida para comemorarmos o “Dia do Índio”. Consolidada pelos espetáculos públicos – Carnaval, Boi Bumbá, e outros - a imagem do índio seminú, adornado com penas e portando arco, flecha e tacape representa, no imaginário popular, esse grupo populacional.

O estudo do meio ambiente e suas relações com o ser humano permite a reavaliação de estereótipos em relação aos povos indígenas brasileiros. Nossos estudantes ao pesquisarem os hábitos das diversas etnias indígenas aprendem a conhecer, respeitar e valorizar sua cultura, como estabelece o PCN Pluralidade Cultural/Orientação Sexual:

[...] valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação.” (BRASIL, 1997.p.122)

Buscando identificar e analisar as concepções de trinta e seis alunos do 7ºAno de Ensino Fundamental, de uma Escola da periferia de Gravataí-RS, foi proposto um trabalho de pesquisa bibliográfica e na mídia, a ser desenvolvido principalmente durante as aulas de ciências, sobre oito diferentes etnias indígenas brasileiras: Guarani (RS e SC), Juruna (MT), Caiapó (MT - leste), Kaxinauá (AC), Matis e Marubo (AM), Suruí (RO), Ye’kuana (RR), Carajá (TO). As tribos foram selecionadas pelos alunos, analisando o mapa ilustrado do site da FUNAI, considerando o bioma natural brasileiro em que vivem. Utilizaram ainda, imagens de aldeias das tribos pesquisadas, obtidas por meio do Google Earth observando aspectos que identificassem objetos de manejo, subsistência e sustentabilidade como proximidade de cursos d’água, meios de acesso, áreas de cultivo, proximidade de mata nativa, elementos de degradação ambiental e estrutura das habitações.

A pesquisa será desenvolvida ao longo do ano letivo, pela professora regente, período em que algumas atividades pedagógicas serão utilizadas como dados de análise.

Metodologia

Produções de texto, falas e desenhos: formas de investigar e analisar o processo de construção do conhecimento sobre a etnia indígena

Segundo o disposto no PCN/Ciências, para o Ensino Fundamental, que relata a importância de se planejar aulas de avaliação crítica para auxiliar na construção de uma aprendizagem significativa, auxiliada pela análise e interpretação de recursos visuais:

Pode ser interpretada uma história, uma figura, um texto, um problema, um conjunto de informações ou um experimento, em situações semelhantes, mas não iguais, às vivenciadas no decorrer dos estudos. Nessas situações, os alunos realizam comparações, estabelecem relações, elaboram registros e outros procedimentos desenvolvidos em sua aprendizagem, fazendo uso de conceitos e atitudes que elaboraram. (BRASIL, 1998. p.32-33)

Desenvolveu-se um trabalho de pesquisa e interpretação de imagens aéreas, gravuras e textos das diferentes etnias selecionadas, registrado pelos alunos na forma de produção textual e desenhos gráficos.

Utilizou-se o método de Análise Textual Discursiva (MORAES e GALIAZZI, 2007) para a análise das produções textuais elaboradas pelos educandos, optando-se por transcrevê-las literalmente, sem as devidas correções gramaticais e ortográficas, para preservar sua autenticidade, respondendo a duas questões da Professora:

1. *Relate como os índios da tribo indígena estudada pelo seu grupo interagem com o meio ambiente.*

2. *Defina o seu sentimento em relação à tribo estudada. Justifique.*

A análise de respostas à questão nº 1 iniciou com leituras sucessivas e a identificação de diferentes idéias que os alunos expressaram. Essas unidades textuais foram agrupadas conforme suas semelhanças, o que permitiu a identificação de quatro categorias: *Convivência com a natureza, Cultivo/Alimento, Animais, Elementos culturais*; a questão nº 2 derivou três categorias: *orgulho, paixão e indiferença*.

As falas dos alunos durante os momentos de pesquisa, envolvendo questionamentos, discussões, relatos e debates, foram registradas pela professora, para posterior análise seguindo a mesma metodologia.

Também foram recolhidas e analisadas suas representações gráficas, considerando aspectos comparativos e elementos característicos da cultura indígena ou branca desenhados.

Discussões

As tribos, suas relações ambientais e o sentimento que despertam nos Educandos

A imagem do índio selvagem surge com intensidade exarcebada: as tribos “cuidam” e interagem com o ambiente porque vivem e dependem dele para sua subsistência. Essencialmente coletores de frutos e consumidores de peixes, os índios descritos nesse item alimentam-se principalmente de vegetais, cultivados ou coletados na floresta. Como descrito por Fe: *A tribo Suruí planta coisas da sua origem que são mamão, inhame, banana vermelha, milho híbrido, cará. E que não são da sua origem que são: arroz, feijão, e cana de açúcar.*

Em seu entender, os grupos indígenas desenvolvem relações afetivas, pautadas pelo cuidado ou temor, com os mamíferos e aves, exemplificadas pelo fato de possuírem animais selvagens – macacos, saguis e pássaros – como animais de estimação, *Eles tinham de animal de estimação o macaco e o papagaio, eles tinham medo só de um animal, a onça pintada* (Er). Os animais adquirem, também, utilidade prática como na utilização de penas de pássaros como adorno *Os Ye'kuana gostam de se enfeitar com araras, tucanos, papagaios* (Ja).

Outros reinos filogenéticos sequer são citados nos relatos dos alunos, e a dependência com vegetais é citada, ainda, para confecção de utensílios e

roupas ritualísticas *Eles fazem cesto de palha, eles usam as penas de aves para se vestir nas festas* (Gu); ou extração de substâncias tóxicas que auxiliam a pesca: [...] *ou peixes que caçavam usando uma parte muito venenosa das árvores eles jogavam no rio e matava todos peixes* (Ev).

A relação com recursos hídricos recebe muita atenção nos relatos: *Na floresta tem mais água doce e alimento* (Ga). Sua importância para as diversas aldeias é reconhecida de maneira significativa, inclusive, a partir da análise das imagens de sensoriamento remoto cuja proximidade com cursos d'água pode ser visualizada com frequência.

A floresta é citada pela maioria dos alunos como um refúgio. O caráter protetor da Floresta é unanimidade dentro do grupo que identifica a floresta como local de possível esconderijo dos indivíduos que vivem nas matas e também como principal fonte de subsistência de onde o índio retira seu alimento. *Os índios fugiram para a floresta porque tem mais animais e é difícil chegar e tem árvore para se esconder* (Gi).

A religiosidade indígena associa-se ao conceito cultural, estabelecendo relações de crença com os elementos naturais constituindo suas lendas. Como descrito por Ta:

São aldeias indígenas onde os homens brancos podem entrar e influenciar os índios a não seguirem sua cultura religiosa. Faz com que os índios não queiram mais seguir a cultura indígena. Na floresta tem lugar para os índios se esconder.

Sentimentos derivados do conhecimento adquirido

Três sentimentos básicos foram elaborados pelo grupo a partir do trabalho desenvolvido: orgulho, compaixão e indiferença.

O Orgulho, muitas vezes confundido com o sentimento de dominação da cultura branca sobre a cultura indígena, foi relatado por uma grande parte do grupo. Como nos relatos de Er: *Orgulho porque eles fazem greve, protestam por suas terras e por que eles cuidam das suas terras*. E de Bu *Também já tem escolas ao ar livre para estudar e professores que são os próprios índios*; o sentimento de orgulho encontra-se atrelado à noção de que os índios estão se apropriando de elementos culturais da classe branca dominante para perpetuar sua própria cultura.

A compaixão foi o segundo sentimento mais citado, muitas vezes relacionado às dificuldades que as etnias encontram para sobreviver na sociedade atual. Como exemplificado pelos relatos de Ce: *Meu sentimento é que tem uns que não tem muita plantação para eles comer e daí eles ficam dias sem comer*; de Ju: *Pena porque os homens brancos estão desmatando a Amazônia que a tribo mora há muitos anos*; e de Fr: *Bom, tem um pouco de cada coisa tipo, tristeza, fome, bastante necessidade é isso que eu sinto*.

Há relatos de indiferença, como os de Hi: *Eu não sinto sentimento nenhum pelos índios porque eles são iguais a todo mundo* e Ga: *Nenhum, porque eles são iguais a todos, comem como todos e vestem-se como todos* e Vi: *Eu não tenho muitos sentimentos, mas o mais importante é que a minha tribo não faz desmatamento de matas*. Em parte, isso demonstra a reformulação do conceito sobre índios por esses alunos.

Desenhos e reformulação de conceitos

As falas dos alunos durante o desenvolvimento do trabalho eram discrepantes em relação ao que escreviam. Para esclarecer essa variação entre discurso e prática, foi solicitado que fizessem desenhos representativos das ideias iniciais e posteriores à pesquisa.

Os desenhos representaram mais fidedignamente o discurso desenvolvido em aula.

Fe, que pesquisou a tribo Suruí, representa como idéia inicial um índio de tanga, reflorestando o local, e como idéia posterior, representa um indivíduo vestido de calças e camiseta, cuidando da lavoura e utilizando-se de recursos modernos para isso.

A representação do índio aculturado, vestindo roupas características da cultura branca, e não mais portando utensílios característicos, repetiu-se na maioria das representações. Gu, por exemplo, ao terminar seu desenho questionou a professora se o mesmo estaria correto, pois, seu índio moderno estava parecendo um “homem normal”.

Lu representou outra forma de aculturação, a incorporação de atitudes típicas da cidade, como ir ao mercado, pelos índios.

Uma constatação importante, em relação à imagem cultural do índio, surgiu com muita frequência nas representações gráficas: a substituição da imagem do “bom selvagem” pela imagem do índio marginalizado: destruidor da floresta (Ce), consumidor de álcool (Hi) e portador de armas de fogo (Er).

Um número reduzido de alunos (quatro) permaneceu representando os grupos indígenas com poucas variações entre a idéia inicial e a posterior, demonstrando pouca modificação nas concepções sobre o tema, mesmo após a pesquisa e os debates. Um desses, Jv representou seu índio apresentando variações relativas à moradia e aos hábitos de caça.

Sensoriamento Remoto e observação da realidade e a consolidação de novas idéias

Textos conclusivos, elaborados em duplas e em trios após a observação das imagens de aldeias das tribos estudadas, permitem analisar com mais firmeza as concepções elaboradas pelos alunos após o estudo.

O conceito de índio selvagem foi definitivamente erradicado do discurso dos estudantes, bem como a noção de que o índio vive em harmonia com a natureza. A aculturação e a influência do homem branco na maneira de viver das tribos indígenas passou a ser tratada com mais frequência na produção textual, como ocorre o texto de Al, Br e Me:

Eu achava que os índios se vestiam com saia de palha [...] e que morava em tocas pequenas uma para cada um [...] e usava pena na cabeça e cantava huuu.... [...].
A nossa idéia de índio não foi confirmada porque tem índios usando roupas (camisa e bermuda, se duvidar até calça). Índios que plantam arroz e feijão e verduras para se alimentarem. E tem índios que até cortam árvores, desmatam a floresta para vender para os homens brancos.

A confirmação da nova visão construída a partir da pesquisa e elaboração do trabalho foi descrita pela maioria do grupo, como pode ser exemplificado pelo texto de Ed, Ma e Ta:

As imagens mostraram a realidade de hoje os índios que nós pensávamos não são de acordo com o que a gente imaginava porque hoje os índios tem casas, comidas, roupas e podem até ter carros.

Br e Na conseguiram narrar em seu texto a influência que sofreram de livros e da mídia, na construção do estereótipo indígena:

A ideia dos índios antes era que eles só usavam penas e cocar e usavam arco e flecha e andavam pelados porque eu sempre via nas gravuras dos livros e revistas e o que eles faziam a dança da chuva e do sol e só comiam peixes.

Em seu texto, Br cita ainda que: *As imagens que eu vi são completamente diferente do que eu pensava. Eu achava que os índios cuidavam da natureza, mas eles só destroem ela.* Demonstrando ter modificado o conceito preestabelecido, antes relacionado à idéia de que os índios vivem em harmonia com a natureza, a partir da análise de algumas imagens de sensoriamento remoto nas quais aparecem aldeias onde o desmatamento, a prática extrativista e as zonas de cultivo de espécies exóticas podem ser identificadas.

A visualização dessas imagens, bem como a pesquisa individual na Internet, onde são vinculadas notícias sobre atos violentos de algumas etnias indígenas, afetou de maneira geral o grupo e colaborou bastante para que a visão do índio “bom selvagem” fosse substituída pela do índio marginal. Faz-se necessário ressaltar que a maioria desses sujeitos de pesquisa apresenta, normalmente, o hábito de generalizar suas impressões, o que vem sendo trabalhado em debates e discussões freqüentes durante as aulas.

A interdisciplinaridade como base da construção de valores

A temática indígena apresenta íntimas relações com o meio ambiente, todavia, o estudo da identidade cultural dessas etnias também se aplica naturalmente aos componentes curriculares de História, Geografia, Educação Artística, Língua Portuguesa e Ensino Religioso, considerando a influência dessa cultura para a formação da população brasileira moderna.

Conforme define a Lei 11.645/08 em seu art.26-A: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.”, a escola onde se desenvolveu a pesquisa solicitou aos professores que elaborassem um projeto interdisciplinar tratando desse tema, inicialmente, participaram do planejamento os professores de História, Geografia e Educação Artística, além da Professora/pesquisadora de Ciências. Em reunião, definiu-se que, com essa turma seriam mais adequados os seguintes focos pedagógicos: Ciências - Relações ambientais indígenas com os seres vivos; História - Participação indígena nos movimentos sociais brasileiros; Geografia - Hidrografia e relevo das terras indígenas no sul do Brasil e em Educação Artística - Arte indígena: tecelagem e pigmentos.

Posteriormente, devido às solicitações de trabalhos nas disciplinas que aderiram ao projeto e ao interesse demonstrado pelos alunos, novos componentes curriculares como: Matemática, Português e Ensino Religioso começaram a desenvolver conteúdos relativos à cultura indígena mesmo que não tenham vindo a envolver-se efetivamente, na proposta interdisciplinar.

O desenvolvimento das atividades provocou ainda, nas disciplinas de Geografia e História a expansão do foco inicial para outros enfoques que não os originalmente previstos.

Conceitos relativos às ciências humanas tais como miscigenação, aculturação e colonização, foram utilizados com frequência nos relatos dos alunos, porém, de maneira equivocada. Percebia-se, então, claramente a intenção do aluno em utilizar e praticar os conhecimentos adquiridos em outras disciplinas, ao longo das pesquisas.

Os alunos trouxeram conhecimentos geográficos ao localizarem-se nas regiões brasileiras, selecionarem as tribos considerando os biomas brasileiros mais conhecidos, construir e interpretar mapas. Contudo, conceitos inerentes à geografia humana foram utilizados de maneira equivocada e demonstrando pouca apropriação intelectual.

A História permeou todo o desenvolvimento do trabalho. Constantemente os alunos solicitavam auxílio do professor dessa disciplina para solucionarem questões relacionadas à visão atual e histórica dos índios. Todavia, mesmo partindo desse interesse, a concepção da história colonizadora, eurocêntrica e descritiva, transcende o conhecimento interpretativo e crítico. A influência européia em nossa história está tão cristalizada que sufoca o questionamento e a compreensão da diversidade cultural brasileira, levando a pensamentos preconceituosos e estereotipados.

A influência da matemática no trabalho foi de suma importância. Os alunos efetuaram medições e comparações escalares em relação às formas geométricas das aldeias para construir maquetes. A pesquisa derivou a busca pelo conhecimento da matemática indígena, elementos que estão sendo trabalhados e desenvolvidos com o professor de Matemática, de maneira comparativa.

Elaboração de cartazes e maquetes exigiu o envolvimento da professora de Educação Artística, pesquisando elementos da natureza para a representação da realidade tribal indígena e os corantes naturais fabricados com pigmentos vegetais.

Há que se relatar o fato, transmitido pela bibliotecária, de que diversos alunos da turma buscaram livros sobre a temática indígena, por iniciativa própria, buscando novos conhecimentos relativos a lendas e cultura indígena.

Considerações finais

A imagem inicial do índio brasileiro moderno, elaborada pelo grupo em questão, baseava-se na visão eurocêntrica transmitida por livros e na mídia. Carregada de preconceitos e fruto da discriminação, essa visão repercutiu no discurso dos alunos, interferindo na construção do conceito relativo aos povos indígenas enquanto grupos sociais detentores de cultura própria. Mas esses povos precisam ser reconhecidos em sua diversidade, em sua capacidade de

interferir solidamente para a construção de uma sociedade igualitária, que respeite a identidade cultural dos diversos povos que compõem a população brasileira.

Mesmo após pesquisa e debates, parte do grupo, aqueles que pesquisaram etnias isoladas, permaneceu com a visão caricata do índio selvagem e incapaz de adaptar-se à sociedade urbana. Esses desenvolveram sentimentos de brasilidade semelhantes aos relatados durante o movimento antropofágico, na era modernista brasileira. Por vezes, sugeriram que as tribos isoladas deveriam permanecer nessas condições para não serem influenciados pela cultura do *homem branco*.

Grupos que trabalharam com etnias mais conhecidas, como os Carajás, Caiapós e Guaranis, identificaram a aculturação e a miscigenação como fatores importantes para o desaparecimento da cultura indígena, assumindo posicionamento paternalista e citando o homem branco como causador das vicissitudes que acometem os índios modernos.

Quando o preconceito construído ao longo dos anos escolares sofreu reformulação, essa se constituiu na elaboração de uma imagem marginalizada e de mendicância relativa aos grupos indígenas trabalhados.

As relações ambientais construídas entre os índios e o habitat restringiram-se aos elementos necessários à sobrevivência das tribos, não tendo sido constatada, pelos alunos, a importância cultural que o meio ambiente possui para as diversas etnias.

O envolvimento interdisciplinar foi de suma importância para o desenvolvimento do trabalho, pois, os educandos buscavam esclarecimentos com os professores de outras disciplinas e tiveram maior facilidade em compreender os elementos analisados apoiando-se em conceitos e conhecimentos construídos em outras aulas que não apenas as de Ciências.

Em síntese, o trabalho auxiliou esse grupo de alunos a desenvolverem perspectivas críticas de análise em relação às etnias indígenas, desenvolvendo novas concepções individuais sobre como esse grupo étnico influenciou e influencia na formação do povo brasileiro. Embora tenham elaborado visões diversas da esperada quando a pesquisa foi proposta, esses alunos passaram a encarar os índios como cidadãos constituintes de nossa sociedade, capazes de interagir com respeito aos seus valores culturais, adquirindo conhecimentos que podem levá-los a auxiliarem na construção de uma sociedade mais justa.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: ciências naturais. Brasília. MEC/SEMTEC. 1998.

_____. Lei 11.645/ 08. Diário Oficial da República Federativa do Brasil.

Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.html.> Acesso em: 02 de abril de 2011.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.

NOVAES, Adauto (org.). **A outra margem do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

OLIVEIRA, Teresinha Silva de. **Olhares que fazem a "diferença"**: o índio em livros didáticos e outros artefatos culturais. Revista Brasileira de Educação, n. 22, p.25-34, abr. 2003.

Referências utilizadas pelos alunos

ISA. Instituto Socioambiental. **População Indígena no Brasil**. Disponível em:<<http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>>. Acesso em 30 de março de 2011.

FRANCE. **Culture indigène**. Disponível em:<<http://www.arara.fr/BBTRIBOS.html>>. Acesso em 28 de março de 2011.

FUNAI. Fundação Nacional do índio. **Povos indígenas**. Disponível em:<<http://www.funai.gov.br/>> Acesso em 23 de março de 2011.